



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

**FALARES E SABERES COM AS CRIANÇAS PEQUENAS: O SIGNIFICADO DO
BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

ERIKA CRISTINA MENDES DA COSTA

RIO DE JANEIRO

2015

FALARES E SABERES COM AS CRIANÇAS PEQUENAS: O SIGNIFICADO DO
BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ERIKA CRISTINA MENDES DA COSTA

Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado à Escola de Educação
da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como
requisito final para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Marcio da Costa Berbat (Orientador)
Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro - UNIRIO

Rio de Janeiro
Junho
2015

FALARES E SABERES COM AS CRIANÇAS PEQUENAS: O SIGNIFICADO DO
BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ERIKA CRISTINA MENDES DA COSTA

Avaliada por:

Data: _____/_____/_____

Adrienne Ogêda Guedes

Departamento de Didática – Escola de Educação
Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro - UNIRIO

Léa Tiriba

Departamento de Didática – Escola de Educação
Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro - UNIRIO

*“Ensinar não é transferir
conhecimento, mas criar as
possibilidades para a sua própria
produção ou a sua construção.”*

(Paulo Freire)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais Paulo Afonso e Vera Lucia, por desde a infância sempre me incentivarem a ir à busca dos meus sonhos, por mais difícil que a trajetória se apresentasse. Por estarem sempre ao meu lado e dos meus irmãos Cristiane e Anderson, nos ensinando o verdadeiro sentido da palavra família, e fazendo despertar em nossos corações o verdadeiro amor.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela razão suprema da nossa existência, por me guiar, me dando força e perseverança para superar todos os obstáculos.

Aos meus pais Paulo e Vera, pelo amor, dedicação, esforço e empenho ao longo de toda minha vida, sempre que encaminhando e ensinando caminho de valores.

A minha irmã Cristiane, de quem tenho muito orgulho, por sua garra e luta diária em busca de novas conquistas para sua família. Além de me permitir sentir o verdadeiro amor maternal através dos meus sobrinhos amados Beatriz e Sérgio.

Ao meu irmão Anderson, por seu ânimo e energia jovial, que muito me estimulam a dar cada vez mais o melhor de mim.

A toda a minha família Mendes e Costa, que desde a minha infância, fizeram-me acreditar que todas as famílias são assim, repletas de amor, cumplicidade e proximidade.

Aos meus amigos, pelas alegrias e conquistas compartilhadas. Com vocês, as pausas entre um parágrafo e outro de produção melhoram tudo o que tenho produzido na vida.

A minha amiga Marta Regina, que como chefe imediata, muitas vezes me compreendeu e me permitiu participar das atividades da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Além de estar sempre me estimulando, quando alguma dificuldade era encontrada, acreditando sempre na minha capacidade de vencer.

A Creche Municipal Pescador Albano Rosa, que me proporciona o desafio de crescer profissionalmente todas as manhãs.

Ao meu professor orientador Marcio da Costa Berbat, pela dedicação, orientação, compreensão, e atenção para a conclusão desta trajetória.

Aos professores da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) que contribuíram na minha vida acadêmica.

A todos os meus colegas do curso de pedagogia, que de alguma maneira tornam minha vida acadêmica cada dia mais desafiante, em especial a Simonne Foreis, Daniela Andrade e Bruna Gurgel que estiveram presentes desde o primeiro período, ajudando-me em todos os momentos, e que ficaram para sempre marcadas na minha história.

Às professoras Adrianne Ogêda Guedes e Léa Tiriba, por terem aceitado generosamente ler e avaliar este trabalho.

ERIKA CRISTINA MENDES DA COSTA. **FALARES E SABERES COM AS CRIANÇAS PEQUENAS: O SIGNIFICADO DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL.** Brasil, 2015, 51 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Escola de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar a importância da brincadeira no desenvolvimento e na aprendizagem da educação infantil. Tal investigação é realizada com o auxílio de minhas vivências desde a infância, perpassando por toda minha experiência profissional e com o auxílio de uma visitação bibliográfica sobre a relação entre a brincadeira e a infância. Visa demonstrar como as brincadeiras influenciam no desenvolvimento emocional, cognitivo e social das crianças, colaborando para um desenvolvimento global e inserindo-as em um contexto social.

Palavras-chave: criança; família; brincar; educação infantil.

ABSTRACT

This study aims to present the importance of play in the development and learning of early childhood education. Such an investigation is carried out with the help of my livings from childhood, passing all my professional experience and with the help of a literature visitation on the relationship between the play and childhood. It aims to demonstrate how games influence the emotional, cognitive and social development of children, contributing to a global development and placing them in a social context.

Keywords: child; family; play; childhood education.

INDICE DE SIGLAS

CIEP – Centro Integrado de Educação Pública

DCNEI – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

EDI – Espaço de Desenvolvimento Infantil

EI – Educação Infantil

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação

PARFOR – Plano Nacional de Formação de professores da Educação Básica

PPA – Plano Pedagógico anual

SME – Secretaria Municipal de Educação

SMDS – Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social

SME – Secretaria Municipal de Educação

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

INDICE DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 01	24
Fotografia 02	27
Fotografia 03	30
Fotografia 04	31
Fotografia 05	32
Fotografia 06	33
Fotografia 07	35
Fotografia 08	36
Fotografia 09	37
Fotografia 10	39
Fotografia 11	40
Fotografia 12	41
Fotografia 13	42
Fotografia 14	49
Fotografia 15	49
Fotografia 16	50
Fotografia 17	50
Fotografia 18	51
Fotografia 19	51

Sumário

Resumo	07
Introdução	11
Capítulo 1: Trajetória de crescimento e formação	
1.1: Reescrevendo a história	14
1.2: A primeira escola	16
1.3: A escola normal	17
1.4: A caminhada até aqui...	20
Capítulo 2: Características gerais da Creche Municipal Pescador Albano Rosa	
2.1: Descrição do prédio e localização	24
2.2: Profissionais e alunos	27
Capítulo 3: O brincar	
3.1: O que é brincar?	30
3.2: O brincar na educação infantil	34
3.3: O brincar na Creche Pescador Albano Rosa	38
Considerações Finais	44
Referências Bibliográficas	46
Anexo A	49

Introdução

*“Somente professores cheios de contato
despertam a sua criatividade,
Pois são mais intensivos,
relaxados e espontâneos.”
(Mota e Campos)*

O presente trabalho nasceu a partir das minhas memórias da infância e das vivências na educação infantil. Nos últimos quinze anos, venho me dedicando a este universo encantador formado por crianças, e após as reflexões realizadas na universidade, venho me recriando a cada dia enquanto educadora, priorizando as narrativas como Elizeu Clementino Souza (2011), na perspectiva que:

As pesquisas com histórias de vida e com a abordagem (auto) biográfica assentam-se na hermenêutica crítica, a face à interpretação do social e da valorização dos sentidos e significados construídos no contexto pelos sujeitos. Intencionalidade, subjetividade, descrição densa, tradições, cotidiano e representação de atores sociais são pontos fundamentais dessa abordagem de pesquisa. A partir da tríade heurística, interpretação hermenêutica e participação implicada do pesquisador, busca aprender e compreender os sentidos e vivências dos autores, no intuito de descobrir, conhecer e interpretar o cotidiano (SOUZA, 2011, p.213).

Inicialmente acreditava que o mais importante era estabelecer uma rotina, que transmitisse total segurança para as crianças e também para mim. Rotina está baseada nas necessidades que eu considerava importantes; como higiene, alimentação e as atividades pedagógicas, sem que na maioria do tempo fosse levado em consideração a opinião e os desejos das crianças.

Ao entrar na escola, a criança confrontar-se com um mundo desconhecido, mas com ela traz também um universo de histórias familiares repleto de experiências e vivências, e é nesse momento do desenvolvimento da criança, que o adulto pode participar de maneira colaborativa em um processo lúdico e de prazer.

Numa sociedade marcada por controle e racionalidade, os movimentos de liberdade e expressividade das crianças assustam os adultos. Amarrados ao império do relógio, ao tempo da produção, estamos aprisionados aos próprios esquemas, ou melhor, aos limites que nos foram impostos, na vida escolar, na família, no trabalho. Tendo aprendido a engolir os desejos, são estes mesmos esquemas que necessitamos reproduzir, através das normas que pretendemos impor as crianças, modelando os gestos, e simultaneamente, aquietando o espírito (TIRIBA, 2008, p.08).

Por um lado é valorizada a espontaneidade e expressão infantil, enquanto, por outro, impede-se suas manifestações naturais. Os pais são os primeiros socializadores e os educadores mais importantes para seus filhos, e desta maneira o processo é conservado e reproduzido pela escola e por toda a sociedade.

Da mesma forma, que se acredita que as crianças devem viver e comportar-se dentro de um padrão próprio a idade, suas criancices são criticadas e inibidas pelos adultos. Defende-se a importância do brincar na construção do desenvolvimento e aprendizado infantil, mas quando ordenamos, em determinados momentos, que parem de brincar e elas resistem, não se compreende essa “pirraça” e repreende-se com o poder do adulto. Incentivam-se as crianças a criar e se expressar só que da maneira que se idealiza para elas, como podemos ver no trecho de Tiriba:

Há, em todos os lugares, como que a obsessão do controle, que perpassa todos os nossos comportamentos adultos com relação à criança; precisamos sentir-nos donos da situação, ter presentes todas as alternativas que a criança poderá escolher, porque só assim nos sentiremos seguros. A liberdade da criança é a nossa insegurança, enquanto educadores, pais ou simples adultos, e, em nome da criança, buscamos a nossa tranquilidade, impondo-lhes até os caminhos da imaginação. (TIRIBA Apud LIMA, 2008, p.9).

A criança é um ser único e complexo e na atual educação infantil não deve ser vista como um ser em miniatura, nem como um indivíduo sem direitos e deveres. Assim se faz necessário pensar em espaços educacionais para as crianças que priorizem o acesso à cultura, e ambientes em que elas possam realizar atividades de seu interesse num contexto que disponibilize constante contato das crianças pequenas com a cultura permitindo assim, transformações em todos os níveis de seu desenvolvimento.

Com estas leituras vi que o trabalho com a criança de educação infantil, deve privilegiar a criatividade, a expressão artística, a afetividade, as diversas linguagens e o

movimento. E que as melhores maneiras de desenvolver estas ações são através de atividades que estimulem a convivência respeitosa com o mundo, a natureza e com os colegas.

O papel do brincar na educação da criança é fundamental. A vivência provocada pela brincadeira possibilita a chance da criança exteriorizar seus sentimentos e assumir a responsabilidade por seus atos. Através da brincadeira, a criança aprende a viver, trabalha sua autoestima, desenvolve a sociabilidade, aprende conviver com o próximo, aprende a trabalhar em equipe, e a aceitar diferenças.

No primeiro capítulo resgato as memórias da minha trajetória de vida, das brincadeiras da infância, da entrada na escola, e como eu entendia todo esse processo. Relembro das etapas da minha formação acadêmica, e resgato a importância dos diferentes agentes e momentos que contribuíram para a construção de quem sou hoje, pessoal e profissionalmente.

No segundo capítulo apresento um pouco sobre a comunidade escolar da Creche Municipal Pescador Albano Rosa, falando sobre o entorno, o espaço e os personagens que dão vida a esse espaço de descobertas e conhecimento.

E por fim no terceiro capítulo, com o auxílio de teses de alguns pensadores sobre a educação infantil, a infância e o brincar; procurei definir a importância do brincar no desenvolvimento de um indivíduo seguro e completo, relacionando tais conhecimentos com a prática do meu cotidiano escolar.

Capítulo 1: Trajetória de Crescimento e Formação

Existe somente uma idade para a gente ser feliz...

Essa idade tão fugaz na vida da gente chama-se PRESENTE

E tem a duração do instante que passa.

Mário Quintana

1.1: Reescrevendo a história

Nasci no Rio de Janeiro, em Piedade, Bairro da Zona Norte, na manhã do dia dois de novembro de mil novecentos e setenta e nove. Segunda filha de um casal formado por uma costureira e um Gari, que apesar do pouco estudo, já que ambos haviam concluído apenas o primeiro segmento do ensino fundamental, sempre acreditaram que a educação seria o caminho para um crescimento profissional e social.

O espaço vivido é parte constitucional, elemento determinante na estrutura da personalidade e na formação da mentalidade de grupos e indivíduos. Não é uma realidade pronta ou apenas externa ao indivíduo. É uma realidade psicológica viva. Algo que não está lá fora e sim aqui dentro na forma de signo carregado de valor. Essa condição cria um mútuo pertencimento entre indivíduos, grupos e lugar. Constituímos o lugar e somos por ele constituídos. A ele pertencemos e em nós ele está para sempre inscrito (VASCONCELLOS, 2005, p.11).

Logo nos primeiros anos da minha infância, minha família em busca do sonho da casa própria, mudou-se para o Bairro de Anchieta, também na Zona Norte do Rio de Janeiro. Um bairro que ainda começava o seu desenvolvimento, extremamente residencial, mas repleto de praças e escolas tanto municipais, quanto particulares.

Neste período vivi uns dos melhores anos da minha infância. Meus pais na medida de suas posses me proporcionaram as melhores condições para sonhar. Um quintal cheio de plantas e áreas de terra, onde eu podia construir minhas brincadeiras, com “comidinhas”, balanços em árvore, corridas em volta da casa, banhos de tanque e mangueiras. Minha irmã, apesar da diferença de idade, que é de oito anos, entrava também na brincadeira.

A rotina da minha família era bem tradicional. Meu pai saía cedinho para o trabalho, e logo em seguida, eu e minha irmã, éramos acordadas por minha mãe, para irmos à escola.

Lembro-me perfeitamente da dificuldade para levantar da cama, mas bastava um segundo chamado da minha mãe, que era bastante severa, para que pulássemos da cama. Tomávamos banho, e em seguida minha mãe arrumava nossos cabelos em tranças e penteados sempre caprichados. Antes de sairmos, nosso uniforme era completamente verificado, assim como nosso material, além é claro do copo duplo de vitaminas ou leite com achocolatado, que tínhamos que tomar antes de sair.

Íamos caminhando até a Escola Municipal Paraíba, que era uma escola muito conceituada no bairro. Essa caminhada levava em torno de uns vinte minutos, e minha mãe nos acompanhava diariamente, na ida e na volta. No caminho, encontrávamos com outros colegas que faziam o mesmo trajeto, o que tornava o caminho uma diversão.

Minha mãe costumava nos deixar na escola e retornar para seus afazeres de casa, mas estava sempre na porta da escola no fim das aulas. Para continuar contribuindo com as despesas da casa, mas ao mesmo tempo cuidar das filhas, minha mãe, comprou uma máquina de costurar industrial, e pegava costuras de fábricas de roupas, para fazer em casa. Desta forma ela sempre nos tinha embaixo de suas “asas”. O nosso limite era dentro do portão de casa. As colegas poderiam vir brincar aqui, mas nunca poderíamos ir para casa de vizinhos.

À tarde entre as brincadeiras, tínhamos “A hora do dever de casa”, onde em uma mesinha perto da máquina, minha mãe nos orientava sobre os trabalhos, ficando a cargo de a minha irmã me orientar se fosse um trabalho mais difícil.

No final da tarde, meu pai retornava, e estava sempre disposto a brincar ou a contar uma história. Adquiri o gosto pelas leituras, estimulada pelas novas descobertas na alfabetização. Assim que aprendi a ler, fiquei fascinada por livros e gibis, e aguardava ansiosamente por meu pai, que constantemente encontrava-os em suas coletas e os trazia para que eu aumentasse a minha coleção.

Os finais de semana eram sempre marcados pela visita a casa dos meus avós, onde toda a família se encontrava semanalmente. A família é bem grande, meus avós tiveram doze filhos, que hoje já construíram suas famílias. Imaginem a farra! Várias crianças

correndo pelo quintal, brincadeiras sem fim com os primos, e dengos com os tios e avós.

As festas como Páscoa, Dia das Mães, Natal, etc., eram verdadeiras confraternizações, que na maioria das vezes duravam dois dias. Era o sonho perfeito de toda criança. Dormir e acordar, acompanhada por vários primos, além de ter um amplo quintal para as nossas farras e brincadeiras. Em especial os dias de carnaval, em que a cada ano, nossas mães elegiam um tema e elaboravam as diversas fantasias. Saíamos todos iguaizinhos, pelos bailinhos da cidade, e nos divertíamos por dias.

1.2: A Primeira Escola

A Escola Municipal Paraíba, era dirigida pela Professora Nilceia, que recebia todos os seus alunos no portão da escola, para uma “vistoria”, nos uniformes que na época ainda eram compostos de saia de prega, blusa brancas de tergal com bolso com o nome da escola, sapatos pretos e meia de cor branca. Se algum dos itens dos uniformes não estivesse de acordo, o aluno seria encaminhado para a secretaria da escola, para uma posterior conversa com o responsável.

Apesar de ser uma escola que atendesse a crianças da Classe de Alfabetização (Atual 1ºAno) à 8ª série (Atual 9º Ano), a organização era nítida. Os alunos iam entrando na escola, e se dirigiam para a fila de suas respectivas turmas. Às terças e quintas feiras, era o dia de cantar o hino e hastear as bandeiras do município, do estado e do país. Em seguida cada turma seguia para sua respectiva sala, para iniciar suas atividades.

No primeiro segmento tive a chance de permanecer com a mesma professora, a Tia Alice, que nos ensinava os conteúdos de maneira bem lúdica. Explorávamos os diversos espaços da escola. O auditório que virava um maravilhoso teatro ou sala de cinema, de acordo com a necessidade, a sala de leitura, que era muito intrigante, além dos espaços abertos, como a quadra e o pátio. Na maioria de suas aulas ela utilizava jogos, maquetes, pesquisas, vídeos, etc. Que facilitavam muito o entendimento dos assuntos tratados.

A hora do recreio também era um momento muito esperado, depois de fazer a

refeição no refeitório da escola, tínhamos a liberdade de explorar todo o espaço com os colegas. Encontrávamos com as outras turmas, e fazíamos piqueniques, torneios de queimadas, trocávamos papel de carta e figurinhas, era só diversão.

Ao passar para o antigo ginásio, as responsabilidades foram crescendo. Minha mãe já tinha um novo bebê, e minha irmã já havia mudado de escola. Comecei a ir para a escola sozinha. Inicialmente, minha mãe me colocava no ônibus, e depois comecei a ter mais independência.

As dificuldades também foram aumentando. Várias matérias, que não se interligavam, vários professores com metodologias diferentes, além é claro dos próprios conflitos da adolescência. Mas o suporte familiar, mais uma vez contribuiu para que vencesse esta etapa, sempre entre os melhores da turma.

Apesar de este período apresentar um cotidiano escolar marcadamente conservador, onde muitas aulas se limitavam a exposições verbais dos conteúdos, onde éramos ordenados em fileiras, e que era terminantemente proibido qualquer falta de atenção ou conversa paralela; Tive a sorte de ter professores completamente apaixonados pelo que faziam.

As aulas de matemática sempre eram as minhas preferidas, já que a professora realizava várias competições entre os alunos, na realização das atividades. Em alguns momentos éramos organizados em grupos, e os desafios eram lançados. Questões que envolviam conceitos matemáticos, geometria, entre outros. Sempre que possível relacionado à vida cotidiana, o que facilitava muito o raciocínio lógico.

1.3: A Escola Normal

Ao final da oitava série (9º ano), iniciou-se a busca pelos novos rumos que seriam tomados para a vida profissional, na época os comentários eram sobre os cursos técnicos (que facilitariam o acesso ao mercado de trabalho), colegial (que deveria ser cursado por quem desejava ir às universidades) ou ainda o curso normal.

As opções eram muitas, e eu ainda muito jovem, não percebia a importância de tal decisão. Ao optar pelo magistério, poderia continuar a fazer o que sempre gostei: aprender, estudar, ler, e ainda poderia continuar com algumas amigas que iriam para o mesmo colégio.

O processo de formação que caracteriza o percurso de vida de cada um permite trazer à luz, progressivamente, o ser-sujeito da formação, vê-lo tomar forma psicossomaticamente, psicologicamente, sociologicamente, economicamente, culturalmente, politicamente, espiritualmente, numa sábia e singular teia, produzindo assim um motivo único (“peça única” nas artes visuais). A consciência de ser (ativamente ou passivamente) sujeito de sua história, através de todos os ajustes que foi preciso fazer, permite ter a medida do que está em jogo em toda a formação: a atualização do sujeito num querer e poder ser e vir-a-ser e sua objetivação nas formas socioculturais visadas, as que já existem ou as que ele tiver que imaginar (JOSSO, 2007, p.423).

O que eu não sabia é que o grande incentivo por parte da minha mãe, para que eu seguisse tal carreira, fazia parte da realização de um sonho pessoal, além da esperança de que eu me inserisse no disputado mercado de trabalho, e pudesse contribuir com as despesas da minha família.

Após a realização de uma prova, fui classificada para frequentar o Curso de Formação de Professores, no Colégio Estadual Aydano de Almeida, que fica em Nilópolis. A escola possuía além deste curso, a formação em Contabilidade e a Formação Geral, mas todo o primeiro andar era tomado por várias normalistas, que davam forma a instituição.

Lembro-me perfeitamente das exigências com o uniforme, o comportamento, as salas de aula, e com os trabalhos. Os professores buscavam nos introduzir um comportamento que considerava correto para futuras professoras.

A formação foi direcionada para as práticas pedagógicas, o que muitas vezes me trouxe insegurança, pois continuamente éramos convidadas a expor nossos conhecimentos frente à turma e a outros colegas, em aulas expositivas, jogos, etc. O que naquele momento era extremamente difícil, para uma adolescente, no auge de suas mudanças e inseguranças.

As aulas de teatro foram responsáveis por grandes modificações no meu comportamento, me fazendo ter mais confiança e segurança. Realizamos quatro espetáculos

ainda no primeiro ano, sendo que no primeiro a vergonha foi tanta, que combinei com as colegas que organizaria tudo, cenário, figurino, mas que ficaria atrás de um objeto e representaria com um fantoche. Mesmo assim fiquei completamente amedrontada, já que os espetáculos eram abertos para todos da escola. Ao final da apresentação, a professora realizava as avaliações com a turma, e já solicitava as modificações para a próxima apresentação, foi aí que ela solicitou que eu “participasse mais”, queria me ver em cena.

Ao assistir à apresentação dos outros grupos, vi que outras pessoas tinham dificuldades, e que isso era normal, já que estávamos ali para aprender. Nas apresentações seguintes, tive mais segurança, ensaiávamos muito, vários finais de semana, e tudo começou a dar certo. Era tão divertido voltar a sonhar como criança, sem medo de fazer diferente, ou errar; fizemos A bruxinha que era boa, O rapto das cebolinhas, e o Fantasminha Pluft, em que eu mesma fui o Pluft, foi realmente um sonho.

Outra experiência que contribuiu muito para a minha formação profissional, foi a realização dos estágios, em que tive a oportunidade de observar o cotidiano escolar por outra ótica. Os estágios foram realizados no primeiro ano em uma escola particular, e nos seguintes em um Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) da Rede Municipal de Ensino. Foram esses momentos que despertaram em mim, um verdadeiro encantamento pelo mundo infantil e me direcionaram para uma especialização em Educação Infantil.

Enquanto cursava o adicional, fui convidada a lecionar em uma pequena escola de educação infantil que existia no meu bairro, era a realização de um sonho perfeito. Ainda jovem, com dezenove anos, ter a oportunidade de fazer o que mais amava e ainda poder contribuir com as despesas do meu curso e da minha família. Mas o sonho durou pouco, a escola raramente realizava os pagamentos acordados, a sobrecarga de trabalho e exigências, também extrapolavam a carga horária, o que começou a atrapalhar os meus estudos que naquele momento também contava com um pré-vestibular que buscava auxiliar na inserção em uma universidade pública.

1.4: A caminhada até aqui...

A universidade era um verdadeiro sonho, mas tinha escapado por entre os meus dedos. Assim que concluí o ensino médio, prestei o vestibular para algumas universidades, entre elas a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), queria cursar matemática, por ser a matéria com a qual eu me sentia mais à vontade e porque poderia lecionar com o mesmo amor que via em meus professores. Passei na prova, mas não me classifiquei na primeira chamada, mas por falta de experiência, já que seria a primeira em minha família a cursar o nível superior, fiquei aguardando em casa a convocação, e para minha surpresa acabei perdendo a vaga que saiu na segunda chamada. Fiquei muito triste e um pouco desestimulada, mas resolvi tentar novamente no ano seguinte, aproveitei o ano para ir me preparando em um cursinho.

Logo que concluí o curso adicional, a Prefeitura do Rio de Janeiro abriu um concurso de professores, fui aprovada, mas a convocação nunca acontecia. Na ânsia de voltar ao mercado de trabalho, fui trabalhar em um escritório da Bradesco Seguros, em uma rotina totalmente diferente da que eu estava familiarizada. Permaneci nesta empresa por quase dois anos, até que recebi um telefonema para me apresentar na Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. A convocação era para início imediato e em dois dias já estava implantada na escola. A mudança foi muito difícil, já que a escola ficava no Bairro de Paciência e por seis meses tentei conciliar os dois empregos fazendo um longo trajeto diário, até que o meu próprio organismo não aguentou, e tive que abrir mão de um deles ou ficaria doente.

Claro que a escolha foi pela escola! Era um CIEP enorme, com muito espaço verde e salas arejadas. Tive a oportunidade de trabalhar com a Educação Infantil, o que me permitia realizar muitos sonhos. O dia a dia era muito divertido, fazíamos diversas brincadeiras, tanto na sala que era organizada em pequenos cantinhos, como ao ar livre. A direção era muito flexível e acreditava em nossos planejamentos e sempre trabalhava para nos dar suporte para a realização das atividades.

Foram anos muito felizes! Apesar da distância, costumávamos fazer passeios para pontos da cidade como para o Jardim Zoológico, Centro Cultural Banco do Brasil, Jardim

Botânico, etc., sempre com organização e planejamento. Reservávamos vagões da supervia e ônibus, e assim podíamos viajar pelo Rio de Janeiro, apoiadas também pela família das crianças.

A vida foi seguindo seu curso, me casei, mudei para Jacarepaguá, iniciei uma graduação em uma universidade particular, o tão sonhado curso de matemática. Mas infelizmente percebi que não tinha a base necessária para um curso de tamanho peso, apesar de toda a minha dedicação. Não conseguia acompanhar a aprendizagem dos colegas em algumas disciplinas que cursava com a turma de engenharia. E depois de dois períodos resolvi mudar de universidade e me aprofundar no outro assunto que me interessava que era a educação, começando então a frequentar o curso de licenciatura em pedagogia. Mudei também de escola e lá continuava me aprofundando na formação para a educação infantil, através de cursos oferecidos pela Secretaria de Educação e por outros que buscava fora do trabalho.

Outra vez a vida virou de cabeça para baixo, me separei e fui morar em Icaraí, Niterói, no início foi tudo muito confuso. Mudança de casa, outra vez mudança de escola, e sem cabeça para os estudos, trancando novamente a faculdade.

Em meados de dois mil e nove, tive acesso a Plataforma Freire (sistema eletrônico criado pelo Ministério da Educação), e vi então a possibilidade da realização do sonho de me formar por uma universidade pública. O Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - PARFOR, é uma iniciativa do Governo Federal, e tem como objetivo fomentar a oferta de vagas em cursos de educação superior, gratuitos e de qualidade, na modalidade presencial ou à distância, para professores que estão em exercício na rede pública de educação básica, visando que os profissionais obtenham a formação exigida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB e cooperar para a melhoria da qualidade da educação no país.

Foram dois anos de espera até que no início de dois mil e onze, fui convocada para cursar licenciatura em pedagogia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). A vida reservou para mim em dois mil e onze diversos planos, que contribuiriam para uma mudança na minha vida, mas para que eu pudesse alcançá-los,

precisaria de muito trabalho.

De uma hora para outra a minha vida se encheu de atribuições. Fui convocada para uma segunda matrícula na mesma prefeitura, mas para que eu pudesse assumir deveria trabalhar no bairro de Santa Cruz. Fiquei então com a seguinte rotina diária:

- Saía de Niterói por volta da 4h 30', ia dar aula às 7h em Santa Cruz;
- Por volta das 11h30' saía em direção ao Bairro do Caju, onde dava aula até às 17h;
- Às 18 horas deveria (nem sempre o trânsito permitia) estar na UNIRIO, onde tinha aula até às 22h;
- Chegando a casa por volta das 23h30'.

Felizmente no ano de dois mil e doze consegui realizar uma permuta com uma colega que trabalhava na Maré e morava em Campo Grande, o que melhorou um pouco o meu problema com o deslocamento.

Fui trabalhar na Creche Municipal Pescador Albano Rosa, inicialmente como professora Articuladora, que é uma professora que organiza e articula os planejamentos da creche (seria como uma Coordenadora Pedagógica), mas em alguns dias a Diretora Marta me convidou para ser sua Diretora Adjunta. Foi uma grata surpresa, já que nos conhecíamos há pouco tempo.

Mergulhei de cabeça neste novo desafio, já que era um universo completamente diferente do qual estava acostumada. Muitas responsabilidades relacionadas à administração financeira, aos recursos humanos, atendimento aos pais e principalmente as ações pedagógicas.

Os anos vividos na universidade foram muito difíceis e de muita luta e garra, para conciliar a vida profissional, a vida acadêmica e a vida pessoal. A cobrança da família e amigos, que apesar de apoiarem a realização dos seus sonhos, sempre te cobram por sua ausência. A dificuldade em conciliar os horários da faculdade com o horário do trabalho, principalmente para a realização das atividades externas e estágios, já que não temos a

liberação para a realização dos mesmos. Além é claro da quase onipresença necessária para transitar pela cidade do Rio de Janeiro, fazendo com que se torne maior a dificuldade de cumprir com os horários e prazos combinados.

Mas hoje, ao fim desta trajetória, vejo que tudo valeu a pena. Cada noite em claro, cada final de semana reclusa, etc. Todos contribuíram para a formação de um ser mais completo em todos os aspectos e que vai continuar na incessante busca de melhorar a cada dia, mas se sente mais preparada para a sua jornada profissional.

E ao reescrever essa história, tenho a oportunidade de contar as minhas experiências de vida, apresentado o amor que está envolvido, e que age como mola mestra para a dedicação ao meu trabalho. Mostro o meu entusiasmo e o meu desejo em contribuir para uma educação de qualidade, que possa deixar “marcas positivas” assim como as que foram deixadas em mim.

Capítulo 2: Características gerais da Creche Municipal Pescador Albano Rosa

2.1: Descrição do prédio e localização

A creche funcionava originalmente na comunidade do Timbáu na Maré e recebeu o nome de Pescador Albano Rosa em homenagem a um pescador da comunidade, por ser ele o mais antigo neste ofício por volta dos anos noventa, de acordo com o relato de moradores.



Fotografia 01 – Fachada da creche

Em meados do ano de 2004 foi transferida para a Avenida Bento Ribeiro Dantas, S/Nº na Vila dos Pinheiros, também na Maré. Essa mudança seria temporária, para que o espaço original fosse totalmente reconstruído e transformado em uma nova estrutura denominada como EDI (Espaço de Desenvolvimento Infantil). Mas devido a políticas públicas e a grande necessidade de mais vagas, ao ficar pronta a sede original, a SME resolveu inaugura-la com um novo nome, o que fez com que a Creche Pescador Albano Rosa se tornasse fixa neste novo endereço.

Está localizada em uma das entradas da Linha Amarela e ao lado da Escola Municipal Professor Paulo Freire. Por ser um terreno de esquina e todo cercado por grades, todo o movimento que ocorre fora da unidade, chama a atenção de todos, vemos prédios, casas, além de uma praça e uma ciclovia que ficam do outro lado da calçada.

A comunidade da Maré vem passando pelo processo da pacificação, e muitas situações difíceis vem ocorrendo. Durante muitos anos, apesar de toda a violência que já existia na Maré, o ponto onde a creche está localizada, sempre foi considerado como “A Zona Sul da Maré”, acreditamos que devido à proximidade com a Linha Amarela, e a facilidade de ação das forças públicas, as maiorias dos confrontos ocorriam mais para dentro, o que tornava aquele espaço mais tranquilo. Mas desde o início, com a entrada do exército, a presença de armas e de um ar tenso se tornou mais próximo, com a passagem continua de tanques de guerra e vários militares em posição de ataque, que muitas vezes assustam as crianças, e a todos nós.

A creche funciona em contêineres adaptados, dispostos da seguinte maneira:

- Secretaria – Organizada com duas mesas com computadores para os registros acadêmicos, documentais e realização de todo o trabalho burocrático e pedagógico da unidade. Armários para arquivamento dos documentos dos alunos, e outros documentos necessários para a gestão. Duas copiadoras, aparelho de Fax e telefone. Quatro estantes repletas de jogos, brinquedos pedagógicos, CDs, DVD's, livros infantis e livros de apoio pedagógicos. Além de um pequeno almoxarifado em anexo repleto de materiais de papelaria. Este é um espaço multifuncional, aonde os atendimentos a família são realizados desde o primeiro contato com a creche, e onde todos são sempre muito bem recebidos quando precisam. É onde os funcionários também encontram materiais pedagógicos variados para diversificar suas atividades, e os planejamentos são realizados em sua maioria, por ter o suporte do computador e a possibilidade de pesquisas na internet.
- Seis salas de aula - que de uma maneira geral tem características bem parecidas, mobiliário do tamanho das crianças com mesinhas e cadeiras (com exceção do berçário que ao invés de mesinhas e cadeiras, possui dois berços), uma bancada de alvenaria que serve de suporte para os aparelhos de televisão e DVD, além de servir de apoio para as agendas, material das atividades, água, etc.; e de armazenar em baixo os colchões para a hora do soninho, e brinquedos que são levados para o pátio, como gangorras e velocípedes. Dois murais e dois armários com materiais

didáticos. Além dos seus ambientes organizados em cantinhos: Cantinho do brinquedo, Cantinho do Faz de Conta (repleto de fantasias para dramatizações e brincadeiras), Cantinho da Leitura (Com livrinhos para livre manuseio), Cantinho das artes (Com papeis, tintas, canetinhas, lápis, colas, etc.), Chamadinhas, Calendários coletivos, Janelinhas do tempo, etc.

- Um banheiro – com cinco sanitários infantis que atendem a meninos e meninas e dois sanitários adultos para funcionários e responsáveis. Com duas pias (adulto e infantil) para a realização da higiene.
- Um vestiário – Onde encontramos os chuveiros, e o tanque adaptado para o banho dos Bebês, além de ser o local onde estão as máquinas de lavar e secar da unidade.
- Cozinha – Espaço dividido em dois ambientes, de um lado a cozinha própria mente dita, com fogão, pia, geladeiras e armários. E do outro lado mesas para a refeição dos alunos e funcionários, e bebedouro.
- Despensa – Espaço anexo à cozinha, onde são armazenados os alimentos da merenda escolar, com freezer e armário com utensílios que ainda não estão em efetivo uso.
- Um almoxarifado – Onde estão armazenados os brinquedos que a creche possui para o uso dos alunos, além de guardar móveis, materiais de construção, etc.

Possui um espaço externo bem amplo com parte do piso gramado e com algumas árvores, mas devido à depredação realizada pela comunidade fez-se necessário a construção de um gradil interno, que restringiu um pouco a utilização do mesmo. Este ambiente é utilizado para todas as atividades que necessitam de um maior espaço, como as brincadeiras, apresentações, participação das famílias, reuniões, festas. Mas infelizmente às vezes devido a questões climáticas essas atividades precisam ser adiadas ou até canceladas, devido à falta de uma cobertura que garantiria conforto para todos.



Fotografia 02 – Crianças brincando no pátio

A falta também de um lugar amplo coberto e fechado, acaba impedindo a estruturação de um parquinho fixo, já que a direção já tentou deixar fixa dentro deste pátio cercado, um parquinho grande de plástico e de um dia para o outro, várias peças do mesmo desapareceram. O que faz com que os diversos brinquedos que a creche possui, sejam explorados muito menos do que poderiam, como uma casinha lúdica, uma cama elástica, balanços, escorregas, gangorras, balizas de futebol e basquete infantil, tanques de areia, piscina de bolinha, etc. Sempre que acontece o planejamento para a utilização dos brinquedos, se faz necessário uma grande força tarefa dos funcionários, para montá-los no início do dia e desmonta-los antes de ir para casa; o que nem sempre é possível, devido ao número reduzido de funcionários.

2.2: Profissionais e alunos:

Inicialmente a unidade era administrada pela comunidade com o apoio da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, mas a partir da década de 80 as políticas destinadas à educação infantil sofreram importantes mudanças. Podemos destacar a Constituição de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96) que incluem, no capítulo da Educação, que o atendimento às crianças de 0 a 6 anos é um direito da criança, um dever do Estado e uma opção da família em instituições educativas – creche e pré-escolas. E assim ocorreu:

O Decreto nº 20.525 de 14/09/01, legisla que, considerando que as instituições de educação infantil, mantidas pelo Poder Público Municipal, bem como as instituições de educação infantil, criadas e mantidas pela iniciativa privada, integram o sistema municipal de ensino, nos termos do artigo 18 da Lei Federal nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, que estabeleceu Diretrizes e Bases da Educação Nacional; que a Constituição Federal, em seu artigo 205, determina que a educação seja promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, admitindo, no artigo 213, que recursos públicos sejam dirigidos a escolas comunitárias, confessionais ou filantrópicas, a secretaria Municipal de Educação decreta que fica transferida da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social para a Secretaria Municipal de Educação, na forma do dispositivo no presente Decreto, a responsabilidade pelo atendimento prestado pelo Município às unidades de educação Infantil. (SME, 2001, p.18)

A unidade possui um total de vinte e seis funcionários em seu quadro, sendo dois gestores, um Diretor Geral e um Diretor Adjunto e dois Professores de Educação Infantil oriundos da Secretaria Municipal de Educação. Além de dezesseis auxiliares de creche e seis profissionais de apoio que envolve auxiliares de serviços gerais, lactaristas e auxiliares de cozinha que são terceirizados de Associações que possuem contratos com a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

A gestão da Creche é exercida pela Professora Marta Regina, que possui trinta e sete anos de experiência profissional, e durante o seu percurso profissional fez parte da gestão de outras duas unidades e permanece a sete anos como dirigente desta unidade.

A creche funciona das sete às dezesseis horas e inicialmente atendia seis turmas em horário integral. Mas neste ano letivo, como o objetivo de aumentar o quantitativo de alunos a serem atendidos, a SME resolveu organizar quatro turmas de horário integral e quatro turmas de horário parcial, deixando as turmas organizadas da seguinte maneira:

- EI-51 - Crianças que completaram um ano até Março /2015 – Horário integral
- EI-41 - Crianças que completaram dois anos até Março /2015 – Horário integral
- EI-42 - Crianças que completaram dois anos até Março /2015 – Horário parcial (Entrada às 7h e saída as 11h15’)
- EI-43 - Crianças que completaram dois anos até Março /2015 – Horário parcial

(Entrada às 11h45' e saída às 16h)

- EI-31 - Crianças que completaram três anos até Março /2015 – Horário integral
- EI-32 - Crianças que completaram três anos até Março /2015 – Horário integral
- EI-33 - Crianças que completaram três anos até Março /2015 – Horário parcial (Entrada às 7h e saída as 11h15')
- EI-34 - Crianças que completaram três anos até Março /2015 – Horário parcial (Entrada às 11h45' e saída às 16h).

Com essa nova organização a Unidade passou a atender a cento e noventa e seis crianças. E apesar da estrutura física não possibilitar adaptações de acessibilidade que facilitem a inclusão, já que para adentrar em cada um dos contêineres é necessário subir dois degraus, a unidade possui duas crianças incluídas. Uma aluna com Síndrome de Down e um aluno com Mielomeningocele, Hidrocefalia congênita e Espinha Bífida. Cada um deles é integrado em uma turma diferente, e por isso a turma tem o número reduzido para 23 alunos (a capacidade normal é de 25 alunos e cada turma).

Capítulo 3: O Brincar

3.1: O que é brincar?

Para entendermos o que é brincar, é necessário compreender quem é o sujeito principal dessa ação. Através da história observamos que a criança era tratada como um mini adulto, e que sua aprendizagem se daria no cotidiano, através da atuação no trabalho, em jogos, festas, etc. No século XVII, teve início a construção do conceito de infância, devido às transformações do papel da família na sociedade e das novas relações de produção. E somente no século XVIII acontece a consolidação de que as crianças formam um grupo social específico e passam a dispor de atenção e dedicação especial por parte dos adultos.

Já as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) apresentam a criança como:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (DCNEI, 2010, p.1).



Fotografia 03 – Crianças brincando de escorrega

O desenvolvimento da criança se dá a partir das interações com o outro e através da

exploração de espaços e materiais. Inicialmente ela só consegue perceber o espaço que a cerca através do próprio corpo em contato com os objetos ou pessoas, utilizando os sentidos. E neste primeiro momento o seu universo de experiências é composto pelos espaços onde ela brinca e passa o seu tempo, e dos itens com o qual tem contato. Tais relações espaciais se desenvolvem e se ampliam de acordo com o crescimento do seu raio de atuação.



Fotografia 04 – Cantando e brincando com a bandinha

Cabe à educação infantil ser mais um espaço para o compartilhamento de conhecimentos e despertar de novas vivências, como é apresentado no trecho abaixo:

“... assegurar às crianças os direitos à brincadeira, à atenção individual, a um ambiente acolhedor, ao contato com a natureza, à higiene, à alimentação sadia, a desenvolver sua curiosidade, imaginação e capacidade de expressão, ao movimento em espaços amplos, à proteção, ao afeto, à amizade, à expressão de seus sentimentos, ao desenvolvimento de sua identidade cultural e religiosa;...” (NUNES, CORSINO; DIDONET, 2011, p.78).

Entre essas ações destaco a importância do brincar, e abaixo vemos como essa ação é descrita nas Orientações Curriculares para a Educação Infantil da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro:

O brincar é o principal modo de expressão da infância. É uma linguagem, por excelência, para a criança aprender, se desenvolver, explorar o mundo, ampliar a percepção sobre ele e sobre si mesma, organizar seu

pensamento, trabalhar suas emoções, sua capacidade de iniciativa e de criar e se apropriar da cultura (Orientações Curriculares da Educação Infantil, 2010, p.17).

Já segundo o dicionário Aurélio (2001), brincar é “divertir-se infantilmente, entreter-se, dizer ou fazer algo por brincadeira divertir-se participando de folguedos carnavalescos, zombar e entreter-se fingindo de...”, ou seja, percebemos diversas ações comuns do nosso cotidiano.



Fotografia 05 - Brincadeiras de roda

Para Vygotsky, o brincar se caracteriza pela construção de uma situação imaginária da criança, e tendem a mudar conforme as necessidades de cada faixa etária. Com o passar do tempo surgem novos desafios que poderão ser solucionados e satisfeitos através da capacidade de imaginar da criança. Ele considera a brincadeira como uma atividade movida pela imaginação, uma atividade consciente que se desenvolve conforme seu crescimento.

Vygotsky (1991) considera a brincadeira uma grande fonte de desenvolvimento que, como foco de uma lente de aumento, contém todas as tendências do desenvolvimento de forma condensada. Para o autor, a brincadeira fornece ampla estrutura básica para mudanças das necessidades e da consciência. Pois, nas brincadeiras, as crianças ressignificam o que vivem e sentem. (CORSINO, 2008, p.21)

As brincadeiras com os jogos podem ser sempre recriadas, para que possibilitem novas descobertas e permitam a criação de novos jogos, e uma nova forma de jogar.

Quando a criança brinca, sem saber fornece várias informações a seu respeito, no entanto, o brincar pode ser útil para estimular seu desenvolvimento integral, tanto no ambiente familiar, quanto no ambiente escolar.

Dessa forma, se a infância é uma construção social, uma concepção sistematizada em diferentes sociedades, ela apresenta uma dimensão que é plural, pois não me é possível falar em uma única infância, mas na pluralidade de sociedades que cobrem a superfície terrestre; existe uma pluralidade de infâncias que se configuram (LOPES, 2013, p. 290).

É através das brincadeiras também que a criança aprende a respeitar regras, a ampliar o seu relacionamento social e a respeitar a si mesmo e ao outro. Por meio da imaginação ela começa a expressar-se com maior facilidade, ouvindo, respeitando e discordando de opiniões, sempre extravasando a sua alegria de brincar.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI, 1998):

O principal indicador da brincadeira, entre as crianças, é o papel que assumem enquanto brincam. Ao adotar outros papéis na brincadeira, as crianças agem frente à realidade de maneira não literal, transferindo e substituindo suas ações cotidianas pelas ações e características do papel assumido, utilizando-se de objetos substitutos (RCNEI, 1998, p. 27).



Fotografia 06 – Cachorrinho vem brincar!

Desde muito cedo o jogo na vida da criança é de fundamental importância, pois

através da brincadeira, ela pode explorar e manusear o que está a sua volta, através de esforços mentais e físicos e sem se sentir constrangida pelo adulto, tendo sentimentos de liberdade, deste modo, dando a real atenção e valorização as atividades vividas naquele instante.

O brincar é mais do que uma distração, é uma linguagem na qual a criança revela uma forma de pensamento. Através da brincadeira a criança situa-se no espaço em que vive. Constrói a ideia de si e do outro, experimenta, fala, age, interpreta, enfim, desenvolve habilidades essenciais para uma melhor compreensão do mundo, e como afirma Borba (2009), a brincadeira existe como experiência de cultura.

3.2: O brincar na Educação Infantil

Na educação de um modo geral, mas principalmente na Educação Infantil o brincar é uma importante experiência para a vida, já que permite, através da imaginação, vivenciar a aprendizagem como processo social. A proposta do lúdico é promover uma aprendizagem significativa na prática educacional, é congrega o conhecimento através das experiências de mundo. O lúdico possibilita uma aprendizagem além do conhecimento escolar, desenvolvendo o pensamento e a oralidade com sentido.

Podemos observar a importância desta subjetividade, no trecho a seguir das Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação Infantil:

Construindo novas formas de sociabilidade e de subjetividade comprometidas com a ludicidade, a democracia, a sustentabilidade do planeta e com o rompimento de relações de dominação etária, socioeconômica, étnico racial, de gênero, regional, linguística e religiosa. (DCNEI, 2010, p.17)

E ainda apresenta como objetivos da proposta pedagógica:

A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças. (DCNEI, 2010, p.18)



Fotografia 07 - Upa, upa, cavalinho!

O ser humano é um ser social, e desde o seu nascimento é inserido em um grupo social, que se caracteriza por suas peculiaridades. O contexto social traça um percurso de desenvolvimento, e através das interações estabelecidas com o ambiente, a criança inicia um processo de intercâmbio com a cultura, desenvolvendo as características de sua personalidade, do seu modo de pensar, agir, sentir e se relacionar. Como cita Tiriba no trecho a seguir:

As crianças estruturam seus valores no convívio com o mundo, suas subjetividades se constituem a partir/nas condições sociais objetivas. Elas não serão cidadãs no futuro, porque já são cidadãs hoje; interferem em sua realidade familiar desde quando estão, ainda, no útero materno; redefinem hábitos e compromissos familiares; têm sobre si o olho da mídia, que, espertamente, as descobriu como ‘presas fáceis’ do mercado de consumo. Quem poderá negar que já são alguém hoje, que fazem história, quem poderá negar que são produtoras de cultura? (TIRIBA, 2003, p.3)

É através das brincadeiras de faz-de-conta que as crianças buscam superar suas contradições, motivadas pela liberdade de assumir novos papéis. Por meio das interações com outras crianças, ele reestrutura o significado das negociações e regras estipuladas pelo grupo, tendo total liberdade para se expressar, já que está apenas representando. Além de poder expressar sentimentos e emoções que absorvem cotidianamente de sua vida social.

O brincar desenvolve na criança a capacidade e a oportunidade de na prática; escolher, preservar, imitar, imaginar, dominar, adquirir competência, confiança e

autonomia. Adquirindo novos conhecimentos, habilidades e pensamentos lógicos através da observação, experimentação, movimentação e cooperação. Proporcionando a comunicação e a interação com os outros e sendo parte de uma experiência social mais ampla em que a flexibilidade, a tolerância são vitais.



Fotografia 08 – Reinventando brincadeiras

Para atuar na Educação Infantil é importante conhecer as crianças e suas características, e o professor deve estar preparado para uma constante construção e desconstrução de conceitos.

Além de saber que a formulação de uma proposta pedagógica deve estar baseada em uma ampla reflexão teórica tendo como preocupação básica a própria criança e o seu processo de constituição como ser humano em diferentes contextos sociais, a sua cultura e as capacidades intelectuais, criativas e emocionais.

O professor pode ajudar a criança a ter um bom fluxo de energia, não permitindo que as situações frustrantes cronifiquem tensões no seu corpo. Para isso, ele precisa trabalhar a própria couraça, condição para desenvolver sua capacidade de contato e estar mais aberto para o mundo. Ele necessita ter clareza do que fazer com seus alunos, não os frustrando nem os bloqueando (MOTA; CAMPOS, 2010, p. 287).

Além de compreender a criança como sujeito completo e complexo, o professor precisa conhecer e saber lidar com os limites para que a criança possa desenvolver uma consciência da necessidade de cooperação e respeito, enquanto humaniza os espaços e suas vivências infantis, assegurando há todas, um dia-a-dia interessante, bonito e gostoso de viver.



Fotografia 09 – Brincadeiras no pula-pula

O aspecto afetivo se destaca como uma das bases da construção do conhecimento, pois através das ações, do olhar e do cuidar, conecta-se com o outro no processo educativo e ampliam-se as possibilidades do sucesso na aprendizagem. O educador que sabe unir afeto, inteligência e faz de conta, no dia-a-dia, estabelece vínculos afetivos e transmite a certeza de que neste mundo se pode confiar nos adultos.

Pensar em uma proposta de ação para o brincar na educação infantil pode parecer irreal, ao visionarmos as verdadeiras rotinas vividas em diversas instituições educacionais,

mas revela-se possível a sua realização quando o professor estiver fundamentado sobre todos os aspectos que estão interligados a criança, e ao seu desenvolvimento.

Brincar é criar, criar uma forma não tradicional de utilizar objetos, materiais, ideias, imaginar. É inventar o próprio viver e o próprio mundo. Sendo necessária que o professor desenvolva a capacidade, de permitir que mudanças ocorram durante o processo e tornar tais mudanças aliadas a ação educativa. De acordo com Corsino:

Para Brougère (1999), na brincadeira de faz-de-conta se estabelece uma forma de comunicação que pressupõe um aprendizado, com consequência sobre outros aprendizados, pois ele permite desenvolver um melhor domínio sobre a comunicação, abrindo possibilidades para a criança entrar num mundo de comunicações complexas, distinguindo realidade, invenção, imaginação, etc. (CORSINO, 2008, p.21).

Segundo Vygotsky, o educador poderá fazer o uso de brincadeiras, histórias, jogos e etc., para estimular a criança a resolver desafios e situações problema de forma lúdica, possibilitando a compreensão e reestruturação das regras utilizadas pelo adulto.

Ao compreender a grande importância do brincar, o professor pode buscar a melhor maneira de intervir positivamente nas interações, sem interferir ou descaracterizar, a liberdade que o lúdico dispõe. A utilização de jogos e brincadeiras como parte da prática pedagógica, podem enriquecer grandemente as ações que favorecem a aprendizagem. Mas não devemos permitir que a utilização como recurso pedagógico, seja desassociada da atividade lúdica que o compõe, fazendo do brincar na escola um brincar diferente das outras ocasiões.

3.3: O brincar na Creche Pescador Albano Rosa

A proposta pedagógica da Creche está embasada nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e nas Orientações Curriculares para a Educação Infantil da SME/RJ. E sua metodologia baseia-se na construção de conhecimento a partir da relação de interdependência entre a criança e o meio, sendo essas trocas necessárias para o desenvolvimento do pensamento, além de levar a criança a explorar e descobrir as possibilidades do seu corpo, das relações do espaço, desenvolvendo assim sua capacidade de observar, descobrir e pensar.

A unidade possui algumas restrições de espaço, e com isso, para que as atividades possam atender a todas as turmas, se faz necessária a instituição de uma rotina de horários. Essa rotina é organizada para que os espaços comuns possam ser utilizados em momentos alternados, por todas as turmas, como por exemplo, o refeitório, o pátio, o banheiro para o banho, etc. Mas isso não faz com que as atividades sejam engessadas, pois sempre que o planejamento necessita de uma nova organização o horário pode ser adaptado.

Os conteúdos são permeados de forma viva e concreta, sendo por isto, associados à realidade social. Nesse contexto, com a participação ativa da criança e a mediação do educador, as experiências fragmentadas e confusas, tornam-se organizadas. Possibilitando que a criança se prepare para enfrentar um mundo cheio de conflitos e contradições, através da compreensão da realidade.

Ao chegar à creche, as crianças são acompanhadas pelos responsáveis até a porta da sala de aula, local em que são recebidas pelas educadoras, e ao entrarem na sala já vão organizando as mochilas nos lugares adequados. As crianças são recebidas sempre com a exposição de um DVD diferente, para que as auxiliares possam dar atenção também aos que estão chegando.



Fotografia 10 – Contação de história

Depois elas já começam a se preparar para o dejejum, trocam de roupas (as crianças

chegam de uniforme, mas durante o dia permanecem com suas roupas de casa), e vão para o refeitório. Ao retornarem, sentam-se em círculo na sala para a rodinha de conversa; este é o momento em que as crianças cantam, realizam a chamadinha, fazem a contagem de meninos e meninas, preenchem o calendário e a janelinha do tempo, contam as novidades, etc. As educadoras aproveitam também esse momento para contar uma história ou apresentar uma novidade que poderá contribuir para as atividades planejadas, sendo também um espaço para que as crianças tragam suas novidades, curiosidades ou histórias.

De acordo com Paulo Freire a criança traz consigo conhecimentos, hábitos, desejos, sonhos, sentimentos e medos, que precisam ser conhecidos e respeitados pelos educadores e educadoras. Para Freire é fundamental que o professor respeite esse saber e trabalhe, a partir dele, de modo que possa ser aproveitado, estimulando a criatividade e a capacidade de leitura de mundo das crianças. Partir dos conhecimentos, dos contextos concretos e dos interesses que a criança traz é condição, para o desenvolvimento de novos saberes. Em seu livro, Medo e ousadia, Freire escreve:

(...) a educação dialógica parte da compreensão que os alunos têm de suas experiências diárias (...), minha insistência de começar a partir de sua descrição sobre suas experiências da vida diária baseia-se na possibilidade de se começar a partir do concreto, do senso comum, para chegar a uma compreensão rigorosa da realidade (FREIRE, 2008, p.131).



Fotografia 11 – Brinquedos confeccionados com material reciclado

Em seguida, são realizadas atividades dirigidas, planejadas semanalmente, baseadas no PPA-Projeto Pedagógico Anual, onde as crianças utilizam tintas, papéis variados, giz-de-cera, material reciclado, etc. Nessas atividades, elas recriam histórias, elaboram cartazes coletivos, confeccionam bonecos e brinquedos, trabalhando diversos aspectos da coordenação motora e da criatividade.

Ainda antes do almoço, as crianças participam de quarenta minutos de atividades livres no pátio. Brinquedos como gangorras, triciclos, bolas, carrinhos de boneca, entre outros, são disponibilizados para que as crianças brinquem livremente. Esse é um momento adorado por todos, principalmente pela diversidade de possibilidades que podem ser exploradas. Nos dias de calor as crianças brincam com bolinhas de sabão, pintam com tinta sem se preocupar com as roupas, pois no final sabem que terão um maravilhoso banho de mangueira.



Fotografia 12 – Pintura e banho de mangueira

Ao final deste período, se dirigem para o banheiro para a higiene que antecede o almoço. E após alguns minutos todos já fizeram suas necessidades e já lavaram as mãozinhas, podemos seguir então para o refeitório cantando a música da merendinha.

Os momentos das refeições são mais uma oportunidade de aprendizado para as crianças, já que muitas só têm o primeiro contato com alguns alimentos na creche, o que

gera certa resistência para a aceitação. As educadoras buscam incentivar a ingestão com histórias, e com a criação de nomes divertidos para os pratos, como o “Creme das Meninas super poderosas” que é o purê de legumes com beterraba, que fica rosa; ou o “Arroz do Hulk” que é verdinho por causa do espinafre. A escola está sempre realizando atividades que estimulem a alimentação saudável, inclusive com a abertura de um dia em que os pais participam da refeição com a turma, buscando também a adesão da família.



Fotografia 13 – Almoço com a família

São estimulados a se alimentarem sozinhos, estimulando a autonomia e independência, mas sendo auxiliados quando necessário, e ao final da refeição recebem sempre uma fruta como sobremesa.

Ao terminar a alimentação, as crianças são levadas ao banheiro, para realizarem a higiene dentária. Há um grande suporte, com bolsinhos plásticos individuais, identificados com os nomes das crianças, onde cada um pega a sua escovinha, para receber o creme dental.

Voltam para a sala de aula e começam a pegar seus pertences para o banho. Com a toalha enroladinha na roupa, as meninas seguem com uma educadora para o banheiro enquanto os meninos aguardam lendo historinhas ou revistas, com a outra educadora. No banho as meninas também são estimuladas a autonomia, sendo ajudadas quando encontram alguma dificuldade para se vestir.

Retornam para a sala de aula, e os colchões já estão dispostos no chão, cobertos pelos lençóis de cada um. Encontram seu lençol e vão se deitando. Nesse momento a educadora coloca músicas calmas e relaxantes que estimulam o “soninho” das crianças. Depois de mais ou menos uma hora, todos são despertados, para o lanche da tarde.

Essa parte da tarde atende a atividades mais diversificadas, em que as crianças têm a liberdade de circular pelos diversos cantinhos da sala, escolhendo de quais atividades querem participar. As educadoras costumam também trazer para esse momento, alguma das caixas de surpresas que ficam na secretária, que contem jogos, livros diferentes, bandinha, quebra-cabeças, etc.

Uma hora antes da saída as crianças fazem sua última refeição, que é o jantar. E ao retornar para a sala, as crianças arrumam seus pertences para ir para casa, guardando suas agendas, roupas e toalhas que foram utilizadas. Enquanto arruma as crianças para a saída, as educadoras se utilizam de músicas e brinquedos cantados, para tornar tudo uma grande brincadeira.

E no final do dia, os responsáveis retornam a sala para buscarem seus tesouros...

Nas salas algo que considero muito importante, é à disposição dos objetos. O armário dos materiais por questão de segurança permanece sempre fechado, mas os dos brinquedos, faz-de-conta, livros, etc., são estantes, sem portas, que permitem o livre acesso das crianças. Possibilitam a liberdade de escolha do que queiram fazer, podem olhar e pegar o que mais lhe agradar. Estimulando também uma relação de confiança entre a educadora e a criança, e vice-versa, já que as crianças só mexem quando autorizadas pelas educadoras, e também sabem que quando acabarem de brincar devem guardá-los no lugar adequado, essa é a sua “responsabilidade”.

A mediação das educadoras acontece no sentido de motivar e incentivar as crianças, e não de impor ou obrigar uma atividade. Desta forma é disponibilizada a criança, a possibilidade de participar de atividades dirigidas e programadas, além de permitir que ela crie, manifeste-se e expresse-se de diversas formas, sem medo.

Considerações Finais

Após observar as relações entre as próprias crianças e a interação deste grupo com o intermédio do educador ficou clara a proposta de socialização de Vygotsky, como a criança cria suas próprias hipóteses baseada no conhecimento que ela já detém, e em conflito com as novas ideias que vão surgindo com a convivência no grupo. Como essa zona de desenvolvimento proximal é extremamente estimulada através da troca entre crianças com o conhecimento parecido, e como as ideias são reorganizadas a partir da vivência que o grupo vai realizando.

O conceito de educação infantil já existe no Brasil a mais de um século, mas só recentemente tornou-se uma prioridade para o governo, ao passar a ser um direito das crianças. Durante todo este tempo vários estudos têm sido realizados para compreender como as crianças constroem o seu conhecimento, para desta forma oferecer um ensino adequado. Através destes estudos percebeu-se que o maior interesse das crianças é compreender o mundo que as cercam.

E que maneira melhor de fazer com que isso aconteça, que não através das brincadeiras? A organização dos espaços para essas relações deve ser sempre muito diversificada, oferecendo materiais variados para que as crianças possam: criar, imaginar, representar, e principalmente de identificar como proprietárias daquele espaço, a partir de suas produções e colaborações, potencializando as relações interpessoais da criança como sujeito de organização do espaço em suas diversas intencionalidades de territorialização, explorando as culturas como eixo de integração social.

Nesse sentido, acreditamos na afirmação de Ostetto (2008), que ao escrevermos nossa experiência, nosso fazer ganha visibilidade, torna-se documento ao qual podemos retornar para rever o vivido, atribuindo-lhe outros significados e projetando outros fazeres desejados ou necessários.

Dessa forma encontraram toda segurança para explorar todas as suas dúvidas e curiosidades, no melhor espaço para isso que é a escola, de maneira lúdica e concreta que facilitam a compreensão. Os espaços são a representação de como os educadores

compreendem a infância, suas concepções e objetivos, e de como a comunidade compreende o que acontece dentro da creche.

Percebemos que o ser humano é um ser social, que está inserido em um determinado grupo, com características específicas, relacionadas ao ambiente, tempo e espaço, e que através deste contexto, construirá a sua própria identidade. Pois é nas interações que ele estabelece com o ambiente exterior, que tem início ao desenvolvimento do seu modo de agir e pensar. Identificamos a brincadeira como uma grandeza fundamental, que tem efeitos pedagógicos importantes, para o desenvolvimento integral e a instituição da criança como ser histórico cultural.

A brincadeira, para Vigotski, faz parte do processo que, mais tarde, implicará na construção da linguagem escrita, quando descobrirá que esta é um sistema de signos que representa outra realidade. O que se escreve, uma combinação de signos arbitrariamente inventados pela cultura, é um suporte para a memória e a transmissão de ideias e conceitos sobre o mundo. A brincadeira expressa um importante trabalho de criação, no qual a imaginação inaugura uma nova forma de lidar com a realidade e de articular as experiências vividas, possibilitando novos modos de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos (BORBA, 2008, p. 60).

A vida e a profissão estão conexas e caracterizadas por diversas experiências e narrativas vividas ao longo da trajetória, são através delas que se constroem as especificidades de cada indivíduo, e revisitar a sua própria vivência, possibilita uma organização de ideias, que potencializam a reconstrução de nossas práticas.

Se é possível descolar a infância da estrutura linear de um tempo cronológico, inúmeras são as possibilidades que se abrem a partir daí. Mas talvez a mais intrigante seja aquela que vê ruir o abismo que existia entre a sensação de mundo adulta e a infantil. É possível reivindicar uma infância que habita o adulto, não como memória, mas como possibilidade atual de experiência infantil. (VASCONCELLOS, 2005, p.11)

Percebe-se que o importante é que o professor e sua prática docente estejam em constante comunicação com a criança que habita dentro de cada um de nós, para desta forma possibilitar um espaço de encantamento e aprendizagem de acordo com os olhos infantis.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. *A constituição social das rotinas*. Por amor e por força, rotinas da Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BARBOSA, Maria Carmem S., HORN, Maria das Graças Souza. *Organização do espaço e do tempo na escola infantil*. Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2001.

BORBA, Angela Meyer. *Brincar é coisa séria e de adulto também!* O valor da brincadeira na vida e nos espaços de Educação Infantil. Livro Educação Infantil – Editora do Brasil, 2008.

BORBA, Angela Meyer. *A Brincadeira como experiência de cultura*. In: Corsino, Patrícia (Org.) Educação Infantil: cotidiano e políticas. Campinas: Autores Associados, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998, volume: 1 e 2.

CORSINO, Patrícia. *Pensando a infância e o direito de brincar*. Série “Jogos e brincadeiras: desafios e descobertas”. Salto para o Futuro, maio de 2008.

CORSINO, Patrícia (Org.) *Educação Infantil: cotidiano e políticas*. Campinas: Autores Associados, 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio Escolar Século XXI: o Mini Dicionário da Língua Portuguesa*. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

FREIRE, Paulo. *Medo e ousadia*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.

GOULART, Maria Inês Mafra. *Conhecimento do mundo natural e social: desafios para a Educação Infantil*. In: Revista Criança. DF: MEC, p.25 a 29, 2005.

JOSSO, Marie-Christine. *A transformação de si a partir A transformação de si a partir da narração de histórias de vida*. Educação Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set. /Dez. 2007.

KRAMER, Sonia; NUNES, Maria Fernanda; CARVALHO, Maria Cristina (Orgs). *Educação Infantil: Formação e Responsabilidade*. Campinas: Papirus, 2013.

LOPES, Jader Janer Moreira. *Geografia da Infância: contribuições aos estudos das crianças e suas infâncias*. R. Educ. Públ. Cuiabá. V. 22, n.49/1, p.283-294, maio/ago.2013.

MOTA, Maria Veranilda e CAMPOS, Júlio Cesar. *A energia corporal resignificando as relações pedagógicas: lições de Reich para a educação* In: DAMIANO, G. PEREIRA, L.H. e OLIVEIRA, W. (org.). Corporeidade e Educação: Tecendo sentidos. São Paulo, Cultura Acadêmica, 2010.

NUNES, Maria Fernanda Rezende; CORSINO, Patrícia; DIDONET, Vital. *Lições, Implicações e desafios remanescentes*. Educação Infantil no Brasil: primeira etapa da educação básica. Brasília, MEC, 2011.

OSTETTO, Luciana Esmeralda (Org). *Educação Infantil: Saberes e Fazeres da Formação de Professores*. Campinas: Papirus, 2008.

RIO DE JANEIRO. Prefeitura. **Decreto nº 20.525, de 14 de setembro de 2001. Transfere o atendimento de educação infantil da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social para a Secretaria Municipal de Educação.** Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, ano 15, n. 127, p. 3, 17 set. 2001c.

RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação. **Orientações Curriculares para a Educação Infantil.** 2010.

SOUZA, Elizeu Clementino. **Territórios das escritas do eu: pensar a profissão – narrar a vida.** Educação, Porto alegre, v.34, n.2, p.213-220, maio/agosto. 2011

TIRIBA, Léa. **Creche: um direito, uma alegria!** SMDS, R.J. Abril de 2003.

TIRIBA, Léa. **O Corpo na Escola: proposta pedagógica.** Série “O corpo na Escola”, Salto para o Futuro, abril de 2008.

VASCONCELLOS, Tânia de. **Criança do Lugar e Lugar de criança.** UFF, GT: Educação de crianças de 0 a 6 anos/ n.07, CAPES, 2005.

VYGOTSKY, L. **A formação social da Mente.** 3ª Ed. São Paulo. Martins Fontes, 1989.

Anexo A - Fotografias



Fotografia 14 – Alegria



Fotografia 15 – O faz-de-conta

O BRINCAR!



Fotografia 16 – O brincar

ATIVIDADES DO BERÇÁRIO



Fotografia 17 – Atividades do berçário

ATIVIDADES MATERNAL I



Fotografia 18 – Atividades do maternal I

ATIVIDADES MATERNAL II



Fotografia 19 – Atividades do Maternal II